

Aumento dos juros divide empresários

Josemar Gonçalves – 11/11/98

NELSON SILVEIRA E
CARLA ÉBOLI*

SÃO PAULO E BRASÍLIA – A alta nos juros criou um clima que mistura expectativa e perplexidade entre os empresários. A unanimidade na aprovação da mudança cambial, apontada como fundamental para restabelecer a capacidade de o produto nacional competir com o importado, não se repetiu no caso dos juros. Dentro da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) há avaliações divergentes sobre o assunto.

O empresário Carlos Roberto Liboni, 1º vice-presidente da Fiesp, apóia a atitude do governo. Ele acredita que a alta na taxa de juros é “muito conveniente, pois o momento é delicado e a prudência fala mais alto”. Para Liboni, a ação conservadora é correta em função da volatilidade do mercado. “Vamos ter de nos acostumar com isso nos próximos dias, ou até semanas, já que ainda há riscos grandes para o país”, comentou, salientando acreditar que a alta não passa de uma medida de curto prazo, para acalmar os ânimos.

“Temos de pensar no comportamento psicológico do mercado, que pode reagir à desvalorização da moeda com uma pressão inflacionária”, avalia. Segundo ele, a notícia boa é que o Congresso está agindo, aprovando as medidas do ajuste fiscal. “Coisa que não faria em condições normais”, acrescenta.

A aprovação, hoje, da contribuição dos inativos à Previdência é crucial, analisa Liboni, já que seria um forte sinal no sentido da normalização do quadro econômico. “Acho que vamos



Fernando Bezerra, presidente da CNI: alta dos juros será temporária

conseguir passar por essa”, conclui.

Já Paulo Skaf, presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e também diretor da Fiesp, acredita que não há razão para o aumento dos juros. “O governo não deve insistir nesse caminho. Com esse aumento, os juros chegam a 50% na produção e a 60% ou 70% para o consumidor. Isso inviabiliza os setores produtivo e público”, afirma.

Para o empresário, é preciso acelerar o ajuste e tornar os juros com-

patíveis com os do mercado internacional. Segundo ele, a mudança cambial dá conta de segurar a saída de dólares e a possibilidade de volta da inflação é remota. “Estamos em recessão, não faz sentido pensar em inflação agora”, avalia. Além disso, Skaf acredita que há outros mecanismos para controlar a inflação, como a possibilidade de reduzir pontualmente o imposto de importação de insumos básicos para a indústria, como já está sendo considerado pelo

governo. “Precisamos de uma injeção de ânimo na produção”.

Eduardo Zaidan, vice-presidente do Sinduscon, sindicato que reúne as empresas de construção civil, está perplexo com a situação e vê os próximos dias como cruciais para uma definição do panorama econômico. “Não há mais muita margem de manobra. Só nos resta torcer para o restabelecimento da credibilidade do país, já que estamos trabalhando com expectativas que não são nossas”, afirma. De acordo com ele, a construção civil exige grandes investimentos e os juros altos fazem o dinheiro desaparecer do mercado. “Ninguém sabe para onde vai isso”.

CNI – O presidente da Confederação Nacional da Indústria, senador Fernando Bezerra, acredita que o aumento dos juros seja provisório e que as taxas devam cair a partir de março. Segundo ele, o aumento definido pelo Copom foi uma medida para preservar a moeda, diante da liberação da banda cambial. “Existem dificuldades na transição do câmbio fixo para o câmbio flutuante, que causam de um certo nervosismo no mercado financeiro, por isso o governo aumenta os juros”, Bezerra espera que o governo chegue ao fim do ano com uma taxa entre 17% e 15%.

Para o presidente da CNI, a liberação da banda cambial era algo inevitável, mas não será suficiente para resolver a crise econômica. “É preciso combater o déficit público e finalizar o ajuste fiscal. O papel do Congresso é fundamental para o país neste momento”, destacou.